BARROSÂNIA

REVISTA TRIMESTRAL DA REGIÃO DE BARROSO
Nº2-SETEMBRO DE 1989
500$00



O gado de raça Barrosã

Tendência do voto em Barroso

1º Encontro de Medicina Científica de Barroso

O Castelo visto pelas crianças

Entrevista com Acácio da Silva

O longo caminho da Mauritânia até à extinção?

Veio do Norte de África, apurou-se em Barroso e difundiu-se por outras zonas do Noroeste do país. É o gado de raça barrosã, que nos últimos anos tem vindo a caminhar a passos largos para a extinção pura e simples, apesar dos esforços desenvolvidos por algumas entidades, de que é exemplo a recentemente constituída Associação Nacional dos Criadores de Gado Barrosão, em Salto.

Fazer a história desta raça, apresentar as suas características principais, determinar o seu efectivo, assim como tratar diversos aspectos relacionados com a sua importância económica para as populações e definir um quadro de intervenções necessárias à sua defesa e valorização, constituíram os objectivos de um trabalho elaborado já há alguns anos pelos Serviços de Fomento e Melhoramento Animal da Direcção-Geral dos Serviços Veterinários, através dos seus técnicos Manuel Garcia, José do Rosário e Marques Antunes, e divulgado em 1981 numa publicação intitulada «Bovinos em Portugal».
Embora pecando, talvez, por alguma desactualização, o trabalho da DGSV revela-se, porém, suficientemente interessante para justificar a sua publicação na Barrosânia, embora de uma forma resumida e com algumas adaptações. É o que vamos fazer seguidamente.

Muito embora a área de criação desta raça se estenda pelos concelhos do extremo Noroeste do distrito de Vila Real aos submontanhosos dos de Braga e Viana do Castelo, não resta dúvida que o seu solar de origem se localiza precisamente na «Terra de Barroso», de cuja toponímia muito justamente retirou o nome.

E dizemos «sem dúvida», porquanto, sendo o solar de criação a região onde, normalmente, os exemplares da raça exibem os seus mais característicos atributos étnicos, é, de facto, na Terra de Barroso onde ainda hoje se encontram os melhores representantes da raça bovina Barrosã.

O «Barroso» ou «Terra de Barroso», território conhecido desde os primórdios da nacionalidade, compreende, aproximadamente, os actuais concelhos de Montalegre e Boticas, as freguesias de Campos e Ruivães do Concelho de Vieira do Minho e a de Gon-

diães do de Cabeceiras de Basto. Algumas povoações a norte de Montalegre estendiam-se até Espanha, a que ficaram pertencendo por tratado de limites fronteiriços.

Consiste numa região montanhosa orograficamente bem delimitada, onde se distingue, por maior fertilidade, o planalto barrosão, cujo centro é Montalegre. São terras de 800 a 1.000 metros de altitude, acima das quais afloram acidentes orográficos, incultos e desabitados que não ultrapassam os 1.300 metros: serras do Larouco, das Alturas - também chamada do Barroso -, e as da Cabreira e do Gerês, que constituem limites a sul e a poente, prolongando-se esta última até à fronteira pela elevação que localmente se designa por serra da Mourela.

A constituição geológica do solo da «Terra de Barroso» é granítica, de baixo pH, com exclusão de duas extensas manchas de rochas metamórficas, uma das quais se estende de Boticas a Montalegre e outra que, seguindo o vale do Tâmega, se prolonga de Ribeira de Pena às freguesias do sul dos concelhos de Boticas e Montalegre.

Não podemos deixar de destacar, ao observar o maior desenvolvimento somático da raça no seu solar, a participação positiva que lhe teria dado a composição geológica dessa grande parte do planalto barrosão, de estrutura xistosa, sem os inconvenientes da pobreza de cálcio que caracteriza os terrenos graníticos do Minho por onde a raça se expandiu e a sua estatura algo se prejudicou.

As quedas pluviométricas acusadas pelo Observatório Meteorológico de Montalegre (1.006 metros de altitude) atingiram a média de 1.256 mm no quadriénio de 1971/74. A temperatura média nesse período foi de 9,0ºC, com a seguinte distribuição: Outono, 10,8.º; Inverno, 3,2º; Primavera, 7,0º; Verão, 15,4º.

Foi neste ambiente húmido e frio que evoluiu e se moldou a raça bovina Barrosã, cujas características são filhas das condições ecológicas, do maneio tradicional e da selecção empírica dos criadores montanheses, os quais, como que sequestrados do restante território, chegaram ao limiar do nosso século dedicados à criação de gado segundo hábitos e costumes do tipo comunitário.

Neste território, a exploração bovina era altamente favorecida pela apascentação - só suspensa pela recolha dos gados nos meses frios - em incultos tão extensos que, conforme o apuramento dos baldios do concelho de Montalegre, de 1938, a sua superfície era de 41.830 ha, isto é, 53% deste concelho.

No concernente à origem da raça, sua evolução e ocupação territorial podemos estabelecer três estádios: passado remoto, passado próximo e presente. Através deles, tentaremos perspectivar o futuro.

Raça originária da Mauritânia?

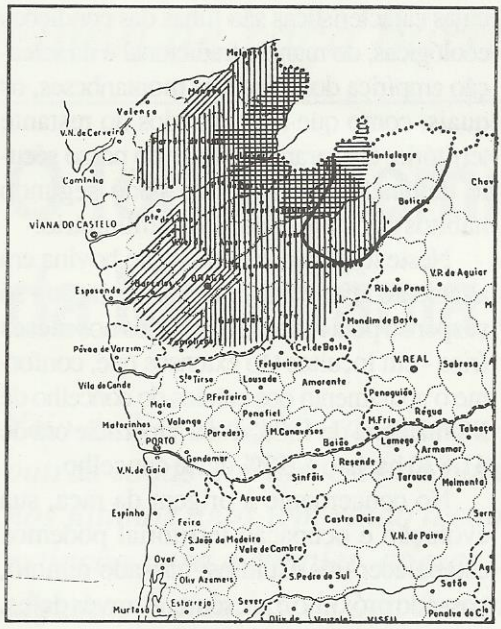
O passado muito remoto envolve a própria origem da raça.

Trata-se de uma raça pura, e não só pura, como, absolutamente, original no continente europeu quanto a alguns dos atributos étnicos.

A sua origem segundo o Prof. Miranda do Vale, foi incluída no Tronco Mauritano, cujo ancestral paleontológico, de tipo côncavo e brevilíneo, descoberto por Thomas no Norte de África, foi denominado «Bos Primigenius Mauritanicus», com a seguinte descrição:

«A nuca era côncava ou pouco saliente; os olhos muito salientes; os cornos compridos e possantes eram situados no cimo da cabeça, dirigiam-se primeiro para cima e para o lado, depois recurvavam-se para diante, virando as pontas para dentro e para baixo».

De facto, a raça Barrosã caracteriza-se pelo seu perfil côncavo, pela saliência das



Criação e expansão do gado de raça Barrosã:

Zona de criação
Zona de expansão
Zona do parque Peneda-Gerês
Limite do Barroso

suas arcadas orbitárias e pelos seus cornos compridos e possantes, saindo para cima e um pouco para fora.

Ao levantar o véu sobre a origem da raça, o Prof. Miranda do Vale deu ao seu ancestral Mauritano a denominação de «Bos Taurus Atlanticus», certamente por ter um descendente puro na orla atlântica.

É perfeitamente admissível que o bovino mauritano tivesse existido entre nós dada a larga e demorada ocupação árabe da Península Ibérica e a fácil comunicação com o Norte de África. Também é de considerar plausível que este bovino mais pequeno e menos adaptado ao trabalho pesado do que os troncos Ibérico e Aquitânico, tivesse sido mais tarde preterido e eliminado por estes, tendo, porém, ficado alguns núcleos nas zonas planálticas do Barroso. Estamos mesmo em crer que tenha sido o comunitarismo de origem pré-romana, com as suas vezeiras e o seu empirismo de selecção e a boa índole e aptidão cevatriz destes bovinos, que contribuiu para a sua criação, modelação e fixação, seguidas da larga expansão com que chegaram a meados do século passado, abrangendo, pelo menos, toda a zona central do distrito de Braga e os seus contrafortes serranos a noroeste.

Através de referências quanto à larga exportação, pela barra do Douro, de bois de talho para Inglaterra na segunda metade do século passado, sabemos que esses bovinos procederiam, principalmente, da região de Entre Douro e Minho e que dois terços eram constituídos por bois barrosãos, muitos deles nascidos no solar da raça.

É evidente que já então se cevavam bois e se lhes apreciava a carne, mas foi o comércio com a Inglaterra que incentivou a recria e ceva desta raça e elevou a estatura dos animais, que, em notável percentagem, atingiam 40 arrobas (peso morto).

Temos conhecimento de que, após a grande crise de exportação, continuaram saindo para Inglaterra, até 1920, alguns bovinos barrosãos cevados.

Igualmente se torna evidente a aura que teve a carne bovina Barrosã. Ainda, hoje, alguns restaurantes londrinos usam como propaganda o reclame «Portuguese Beef». Deduz-se pois que os bovinos de origem mauritana, mercê do desvelo de maneio, a que ainda assistimos correntemente, da selecção no sentido da maior corpulência e das «chegas» dos touros, em que intervinha a emulação entre os povos das freguesias do Barroso, se foram apurando na raça que hoje conhecemos e cuja zona de criação se foi dispersando pelas áreas submontanhosas de todo o Entre Douro e Minho. Nesta região

procedia-se também à recria de novilhos, os quais, descendo para cotas inferiores do anfiteatro minhoto, eram explorados como bois de trabalho e, seguidamente, de ceva nos férteis plainos até à orla marítima, atingindo mesmo, para lá do Douro, o concelho de Vila Nova de Gaia.

Estes bovinos eram também denominados «maianos», por provirem de casa de lavoura das úberes Terras da Maia, que se estendiam do Porto ao Rio Ave.

No seu avanço para o distrito de Viana do Castelo, os bovinos barrosãos, conhecidos também por «piscos» no Minho, desalojaram os de outra raça - a Galega -, os quais naturalmente se cruzaram, dando origem a vários tipos, descritos como marelos e bagueses, consoante o seu grau de composição étnica, tipos estes que desapareceram por absorção da raça pura.

O declínio da raça e suas causas

Passada essa época áurea da exploração e expansão Barrosã, em que se desenvolveram ao máximo as suas características somáticas, designadamente no solar, a raça entrou em declínio.

Não podemos, no processo de evolução da raça barrosã, referir-nos ao presente sem considerar aquele com que ainda contactámos há algumas dezenas de anos. Não é preciso ter visitado o Porto há mais de quarenta anos, e observado a faina ribeirinha desta cidade e de Vila Nova de Gaia, para ter assistido à carretagem com juntas de bois barrosãos, jungidos a altas cangas ornamentais, que constituíam surpresa para turistas e faziam parte da colecção de postais folclóricos.

Ainda no meado deste século se observavam nas matanças da Páscoa reses barrosãs de mais de 600kg de carcaça, cevadas em antigas casas de lavoura que tradicionalmente «enviavam bois para o barco», localizadas, principalmente, nos concelhos de Maia, Vila do Conde e Vila Nova de Famalicão.

Hoje, é raro encontrar uma junta de bois desta raça em qualquer ponto do distrito do Porto, onde mais abundavam. Não só a tracção mecânica eliminou a animal, como no próprio trabalho agrícola os bois barrosãos foram destronados pelos de outras raças. No Douro Litoral, foram-nos, sobretudo, por novilhos turinos.

Nas zonas minifundiárias do interior, o trabalho continua a ser efectuado por vacas de criação ou por algumas juntas de novilhos de recria.

Não há dúvida que o interesse pela exploração bovina barrosã vem decaindo acentuadamente. Até mesmo quanto à produção da sua excelente carne, o incentivo da maior valorização que lhe era dado pela marchantaria desapareceu em 1959, ano a partir do qual esta raça passou a alinhar com todas as outras nas tabelas de aquisição de bovinos adultos elaboradas pelo Grémio dos Comerciantes de Carnes Verdes do Porto.

Já em 1959 se previa a contracção da área ocupada pela raça, o que de facto se foi constatando até hoje e se pode resumir da seguinte forma:

No solar, o gado barrosão foi preterido por exemplares mirandeses (localmente, denominados «galegos», em oposição aos barrosãos, designados «portugueses»), cujos postos de cobrição se espalharam pelo Barroso, atingindo Tourém, Pitões das Júnias, Covelães, Contim e Viade. Introduz-se assim, acentuada cunha no próprio solar barrosão, até à serra do Gerês, relegando-se a vaca barrosã para as últimas freguesias do Sudoeste dos concelhos de Montalegre e de Boticas, em direcção à serra da Cabreira. Os factores causais deste recuo foram os seguintes:



- Expansão da cultura da batata de semente e consequente exigência de trabalho animal;

- Melhor condição dinamófora da raça Mirandesa;

- Maior estatura e precocidade do Mirandês;

- Produção a partir de gado mirandês, de crias, puras ou cruzadas, mais corpulentas e precoces do que as barrosãs.

Concomitantemente com a Mirandesa, foi-se infiltrando no Barroso uma outra raça menos corpulenta que a Barrosã - a Maronesa -, proveniente do vizinho concelho de Ribeira de Pena, situado a sul, pelo que abunda, sobretudo, em freguesias do concelho de Boticas.

A preferência pelos bovinos desta raça (penatos), em regra representada por bois, apenas se pode explicar por apenas suplantarem as vacas barrosãs na função de trabalho, dado o seu temperamento nervoso, além de se lhes reconhecer mais sobriedade alimentar e boa rijeza de unhas para o serviço de tracção em caminhos alcantilados.

Na região entre Douro e Minho, haverá que considerar alguns particularismos quanto ao movimento da raça.

No distrito do Porto, o desaparecimento de exemplares barrosãos deve-se ao seguinte:

- Quanto a fêmeas: sua substituição pela vaca turina ou pela galega, esta, principalmente, nas áreas de cultivo mais socalcadas do concelho de Penafiel.

- Quanto a bois, e por ordem cronológica: redução progressiva dos bois de ceva na zona próxima do Porto e a ocupação desta por vacas turinas; substituição das juntas de bois barrosãos por bois ou novilhos turinos, de mais rápido desenvolvimento, prática esta iniciada na área industrial leiteira do Centro do distrito (concelhos de Penafiel, Paredes e Lousada) e que alastrou até ao litoral; redução geral do número de bois de trabalho como consequência do acréscimo de meios mecânicos de tracção agrícola.

Na área do distrito de Viana do Castelo, o gado barrosão foi totalmente substituído por galego nos vales do Lima e do Âncora.

Esta infiltração é ainda manifesta nos concelhos de Vila Nova de Cerveira e Valença. A razão fundamental dessa substituição deve-se à produção de leite, que na raça Galega já é bastante significativa.

No distrito de Braga, o barrosão foi fortemente preterido por gado turino nos concelhos do litoral, o qual se tem infiltrado também sensivelmente na zona central do distrito. Por sua vez, o gado galego, proveniente do vale do Lima, tem excluído também o barrosão na área Norte do concelho de Barcelos, confinante com o distrito de Viana do Castelo.

A contracção da mancha territorial ocupada pela raça acentuar-se-á, sem dúvida, até ficar reduzida, no seu solar, quase somente à freguesia de Salto, no concelho de Montalegre, e às de Ruivães e Campos, do concelho de Vieira do Minho. Será esta, essencialmente, a reserva mais pura da raça Barrosã.

Na região minhota a zona de criação limitar-se-á a partir de cotas de 600m, aos contrafortes das serras da Cabreira, Gerês, Amarela, Soajo, Peneda e Castro Laboreiro, respeitantes aos concelhos de Cabeceiras de Basto, Vieira do Minho, Terras do Bouro, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez e Melgaço. A estas serranias será de acrescentar o acidentado concelho de Fafe.

Rotas da expansão da raça

A sua expansão deve ter-se feito quer no sentido sul, atravessando a serra da Cabreira, quer, sobretudo, no de leste, descendo as manadas, principalmente adolescentes, pelos desfiladeiros do Vale do Cávado.

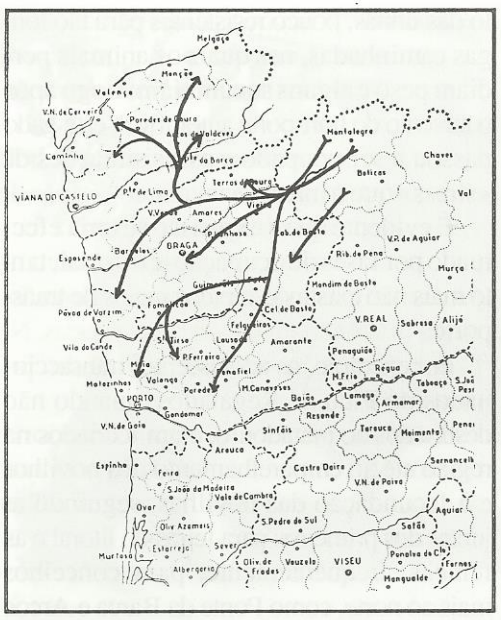
Há quarenta e cinco anos, ainda se dirigiam para a grande feira do Pico de Regalados (Vila Verde) centenas de vitelos do Barroso, na maioria machos, conduzidos a pé, com os pesunhos protegidos por toscos sapatos de couro, com que se evitava o rompimento das unhas, pouco resistentes para tão longas caminhadas, nas quais os animais perdiam peso e alguns sucumbiam. Logo após o advento do transporte automóvel, este gado passou a ser poupado a essas situações de «stress» que o inferiorizavam.

É evidente que a expansão se teria efectuado por fases de ocupação territorial, tanto mais não existindo rápidos meios de transporte.

Por exemplo, os adolescentes transaccionados no Pico de Regalados, quando não destinados ao matadouro, eram recriados na região até ao emparelhamento dos novilhos e à fecundação das novilhas, seguindo as juntas dos primeiros para feiras do litoral e as fêmeas, frequentemente, para concelhos mais ao norte, como Ponte da Barca e Arcos de Valdevez, que se constituíram, por sua vez, em focos de expansão da raça.

As rotas dirigidas ao sul da serra da Cabreira passavam por Cabeceiras de Basto, Vieira do Minho e Fafe, tendo-se este último concelho tornado grande criador da raça e expansor da mesma para a zona central do distrito do Porto. A parte litoral deste distrito abastecia-se de novilhos e de bois de trabalho nas grandes feiras (então) de gado barrosão, de Barcelos e Vila Nova de Famalicão.

Actualmente, todo o comércio de reses barrosãs está muito restringido, tendo desaparecido de algumas feiras e mudado de sentido noutras. É o caso da feira do Pico de Regalados, que, não recebendo já bovinos do Barroso, reúne novilhas, vindas dos concelhos de Ponte da Barca e dos Arcos de Valdevez, que, seguindo rota inversa da tradicional, sobem até à feira de Rossas (Vieira do Minho), onde são procuradas por criadores dos concelhos ao sul da Cabreira, mais interessados em vender as suas vitelas para abate do que em recriá-las.



Rotas de expansão do gado de raça Barrosã

Características da raça barrosã

Bernardo Lima caracterizava os representantes desta raça como tendo «corporatura meã, o rolo do corpo espesso, atirando para o arredondado». Não se poderia definir melhor e mais sinteticamente o aspecto geral dos exemplares barrosãos. É uma raça eumétrica, brevilínea, de perfil côncavo, com as seguintes características, no que respeita às vacas:

Pelagem - Castanho-clara, tendendo para a cor de palha ou para o acerejado. A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são mais claras. Por vezes, surgem manchas mais escuras na zona infra ou supra-orbitária, em indivíduos mais fuscos. Geralmente, observam-se pêlos escuros no debrum das orelhas, na cutidura e na borla da cauda. As mucosas das aberturas naturais são escuras.

Cabeça - Curta e larga, encimada por forte cornamenta em lira alta. O comprimento é duplo da largura tomada nas saliências orbitárias. A linha que une os ângulos nasais das aberturas palpebrais fica muito aproximadamente a meio do comprimento da cabeça.

Fronte - Quadrada, deprimida ao centro, donde resulta pronunciada saliência da região orbitária. Encimada por pequena marrafa de pêlos não corredios, a protuberância frontal antes se apresenta como uma depressão entre a saída das cavilhas ósseas.

Face - Curta, de larga base posterior.

Chanfro - Direito, pouco saliente e arredondado.

Focinho - Negro, largo, um pouco grosso e como que tendendo para arrebitado, descurando-se a mucosa na orla labial e num curto filete mediano que parte do lábio. A orla é mais clara, sem atingir o branco.

Boca - Larga, de lábio superior desenvolvido, bem pendente lateralmente.

Olhos - Muito aflorados, dando o aspecto de olho de sapo.

Abertura palpebral e pestanas - Escuras.

Orelhas - De tamanho médio, orladas quase sempre de pêlos mais escuros, providas interiormente de pêlos compridos, mas não formando propriamente pendurelhos.

Chifres - Armação córnea excessiva, quer em comprimento, quer em espessura. Projectando-se à nascença quase verticalmente, os chifres desviam-se depois para os lados e, seguidamente, um pouco para a frente e para fora, por forma a apresentar nos adultos a figura de lira quando vistos de frente. Com exclusão da ponta que é escura, o resto do chifre é branco-sujo. A sua secção é, aproximadamente, circular.

Pescoço - Pouco comprido, reforçado, sobretudo, no bordo superior junto à cernelha, bem ligado à cabeça e à espádua. Barbela muito desenvolvida. Pendente sobre a garganta, decota-se na origem do pescoço

para depois cair largamente no peito, aproximando-se dos joelhos.

Cernelha - Muito pouco saliente, larga, fazendo transição insensível entre o pescoço e o dorso.

Costado - Regularmente fundo e bem arqueado.

Dorso - Medianamente comprido, largo e horizontal.

Peito - Proporcionalmente largo e descido.

Espáduas - Pouco compridas, mas largas e bem ligadas ao tronco.

Abdómen - Pouco volumoso.

Lombos - De comprimento mediano, largos, estabelecendo perfeita ligação da garupa ao tórax.

Garupa - Horizontal, larga e comprida. Em regra, é mais larga de quadris do que comprida e apresenta, também, boa largura isquiática.

Nádegas - Largas, descidas, tendendo para o convexo e separadas por regular períneo.

Cauda - de média inserção, comprida, terminando por uma regular borla de pêlos, em regra escuros.

Úbere - Pouco desenvolvido, revestido de pêlos mais claros, espessos e compridos.

Membros - de extremidades livres pouco desenvolvidas, bem aprumadas, pouco ossudas, terminando por unhas escuras, rijas, pequenas e arredondadas.

Pele - Bastante grossa, mas macia, formando rugas, principalmente, no pescoço. Nos animais adultos, são também aparentes rugas na região suprapalpebral.

Os touros, como é natural nos tipos castanhos, são sempre mais escuros, particularmente no terço anterior.

Os seus caracteres morfológicos modificam-se no sentido de maior corpulência do que na vaca, tronco mais robusto, barbela mais desenvolvida, cabeça mais curta e mais larga, chifres mais grossos, embora, geralmente, um pouco mais curtos, mais dirigidos para a frente e para cima.

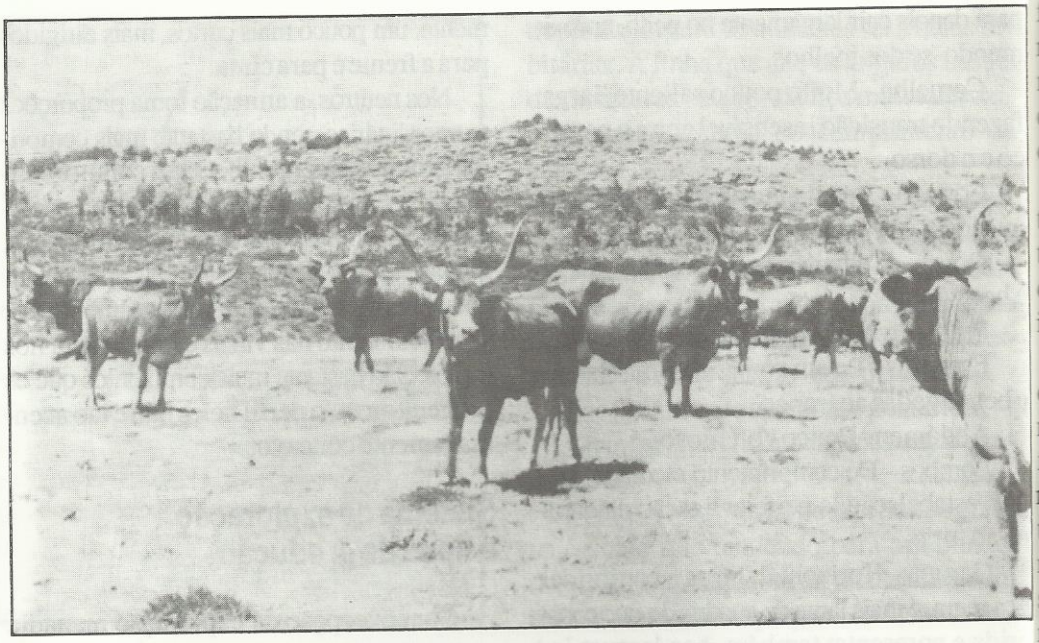
Nos neutros, a armação toma proporções extraordinárias, sendo bastante mais comprida, grossa e divergente. O seu comprimento atinge, com frequência, 1 metro, o perímetro 35 cm, e a envergadura ultrapassa, muitas vezes, 1,5 metros. Os bois apresentam pelagem mais clara, sem o afuscamento por vezes existente nas vacas e que é regra nos touros. São bastante mais corpulentos que os progenitores e o perfil neles não é tão acentuadamente côncavo.

Sistema de exploração e tipos de produção

Com excepção da exploração manadia serrana, nos meses de Maio a Setembro, o gado bovino barrosão mantém-se bastante tempo estabulado em cortes primitivas, designadas vulgarmente por «eidos», com a cama acumulada de mato e, em regra, desprovidas de manjedouras. Sempre que possível, a estabulação é alternada com algumas horas de pastoreio, sendo este de maior frequência nas explorações menos ocupadas por culturas arvenses. Daqui, resulta ser bastante mais apascentado no Barroso que no Minho.

De facto, a base forrageira na zona montalegrina assenta, essencialmente, na produção de feno em velhos lameiros, os quais, além de garantirem explêndida reserva alimentar de Inverno, também contribuem, como agostadouros, para a satisfação forrageira no Verão. No Minho, a alimentação é baseada, principalmente, em forragem verde, quer cortada à foicinha de Inverno, nos terrenos de lima e rega, quer servindo-se da cultura do milho - desbastes e bandeiras.

Assim, enquanto, de Inverno, os bovinos no Barroso se alimentam com feno de qualidade, no Minho socorrem-se de palha de



milho e de azevém, além de algumas ervas das courelas limadas.

No Barroso, como é próprio das zonas serranas de intensa criação, não se faz a recria dos adolescentes, com excepção dos necessários à substituição dos genitores. Consequentemente, o pouco trabalho necessário era executado por vacas. Dado, porém, o incremento da exploração agrícola nesta área de pastorícia, com mais relevância após o advento da cultura da batata de semente, os criadores do Barroso passaram a utilizar juntas de bois de raças estranhas ao solar, designadamente da Mirandesa e da Maronesa, provenientes dos vizinhos concelhos de Chaves e de Ribeira de Pena, raças estas que se foram radicando pela infiltração também das fêmeas.

No Minho, nas zonas submontanhosas onde dominam as fêmeas, além da produção de crias e, em parte, da sua recria, tem real interesse a produção do trabalho executado pelas vacas, que nessa função ocupam maior número de horas do que no Barroso, podendo computar-se até cerca de 50 dias por ano. A níveis inferiores desta zona de criação, a utilização de bois no trabalho agrícola encontra-se hoje em pleno declínio.

No que se refere à produção de leite, actualmente, a vaca barrosã não é, praticamente, explorada nesta função. Quanto à produção de carne, já fizemos referência à importância da raça barrosã como produtora de carne, principalmente de qualidade. O facto dos talhantes preferirem estas reses, que pagam, em regra, por preço mais elevado, não se funda no pretenso desejo de servir melhor a clientela, mas, como dizem, por «darem mais bife», pois lhes permite cortar, também, alguns de peças de 2ª categoria.

Todavia, e muito embora a aura de que goza, a raça Barrosã não tem tido como finalidade primária a função creatopoética. Criada e recriada, fundamentalmente, no minifúndio minhoto, de intensa exploração agro-pecuária, a produção de carne barrosã era e é função subsidiária da do trabalho.

Ora, desde que o trabalho animal se reduziu no litoral, foi deixando de interessar a

formação de bois, estabelecendo-se, deste modo, certo vazio na recria de novilhos, operação, aliás, nada rendosa pela deficiente precocidade da raça. Daqui, o abate quase total dos machos, quando vitelos.

No referente às fêmeas, observar-se-ia, também, o sacrifício maciço das adolescentes se tal não fosse contrariado pela necessidade da renovação dos efectivos maternos indispensáveis para o trabalho local.

Outra importante função consiste na produção de estrume, de que se utilizam, normalmente, 30 a 40 toneladas por hectare. De facto, a necessidade de produção de grandes massas de fertilizante orgânico conduziu à estabulação em «eidos», pequenos compartimentos com cama acumulada que os animais, soltos e, em regra, aos pares, vão pisando e macerando em toda a extensão.

Como teremos oportunidade de referir, presentemente nada resta das antigas intervenções estatais no melhoramento da raça, nem tão pouco da activa recria de novilhos destinados a postos de cobrição. Hoje, a acção consiste na inspecção dos reprodutores dos postos particulares e oficiais e respectivo licenciamento, bem como na aplicação do método da I.A., embora, presentemente, ainda muito limitada quanto à raça Barrosã.

Cita-se, ainda, a organização de alguns concursos pecuários e, quanto a outros, a sua regulamentação e assistência técnica na classificação de animais, além da concessão de subsídios para distribuição em prémios. Deste modo, procura-se estimular a conservação de bons exemplares masculinos e femininos, de que resulta, embora limitadamente, algum benefício no melhoramento da raça.

Alguns destes certames deixaram de se realizar à medida que a afluência aos mesmos se foi reduzindo. São exemplos de tal as suspensões dos concursos de Monção, Paredes de Coura, Barcelos e Vila do Conde. Neste último, com data intencionalmente marcada e nove dias antes do Domingo de Páscoa, apresentavam-se também as melhores juntas de bois de ceva, a abater na grande matança desta quadra festiva.

Os postos de cobrição registados nas Intendências de Pecuária são 218, cada um, geralmente, com um só reprodutor em actividade, dos quais 55 oficiais, licenciados em nome das Juntas de Freguesia e servidos por reprodutores adquiridos e mantidos pelos povos, segundo costumes tradicionais.

Além destes, existem no Barroso vários outros não inscritos, pertencentes às comunidades das aldeias.

Apontamos, ainda, que, também no Barroso, grande número de bovinicultores, principalmente os de maiores efectivos, possuem novilhos para fecundação das suas vacas. Estes reprodutores, que lhes nascem nas propriedades, são sem dúvida dos que mais contribuem para o abastardamento da raça, porquanto sucede, por vezes, serem eles próprios já produtos de cruzamento.

Quantitativo de animais e número de cabeças por exploração

O decrescimento do número de cabeças de gado barrosão tem sido um facto, (ver quadro nas páginas seguintes).

Observa-se que o efectivo Barrosão, de 182.027 cabeças em 1959, sofreu a notável redução de 67.670 nos 17 anos que decorreram até 1976, correspondendo a 37,2%.

Convém frisar, porém, que, sendo a dispensa do trabalho pesado bovino o maior dos factores de decréscimo do efectivo, foram os machos que acusaram a mais pesada redução, a qual atingiu 53,4%, enquanto que a das fêmeas se limitou a 30.1%.

Quanto ao número de cabeças por exploração, os dados disponíveis evidenciam que o número de cabeças é muito mais elevado por exploração no concelho de Montalegre do que nos de Braga e, nestes, maior do que nos de Viana do Castelo, o que está de acordo com a extensão da propriedade. De facto, esta, em Montalegre, é de superfície bastante superior à minifundiária de Braga e esta, por seu turno, maior que a pulverizada do Alto Minho.

É de notar o elevado número de explorações com mais de 5 cabeças existentes nos concelhos do Barroso, em contraste com as de 1 a 2 cabeças nos do Alto Minho.

Quanto à localização de zonas de encabeçamento médio e seus desvios, não é possível apontá-las, pois depende da exploração mais ou menos intensiva da terra. Sucede, assim, que no Alto Minho o encabeçamento é superior ao observado no Barroso.

A este respeito, apenas podemos afirmar que, pelo geral, a capacidade de suporte da carga pecuária se encontra saturada e que o efectivo bovino depende, totalmente, da exploração agrícola.

Também devemos considerar duas zonas distintas no aspecto alimentar. No Barroso, a exploração da terra dirige-se à produção forrageira, baseada em feno (lameiros) e em centeio, acrescida de pastagem natural, eventualmente de montanha. No Minho, a base forrageira reside na produção invernal e primaveril de forragem verde em prados de lima e na cultura estival do milho, geralmente de regadio.

Quanto à importância do efectivo Barrosão em função da sua participação no produto agrícola bruto, apontamos a sua relevância.

A densidade bovina da região pode considerar-se elevada, certamente das maiores do País em relação à superfície agrícola útil. Tal não significa, porém, que se usufrua correspondente benefício do rendimento bruto bovino. De resto, numa das suas funções mais rendáveis - o trabalho -, o bovino vai sendo dispensado e substituído pelo motorizado, designadamente nas explorações maiores e mais evoluídas.

Não possuímos elementos que nos permitam dar resposta cabal a este quesito na zona montanhosa. No entanto, algo se poderá extrair, por comparação, do estudo efectuado por técnicos do Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian, intitulado «Limiar da Rentabilidade da Exploração Agrícola do Noroeste».

Neste estudo, a relação do rendimento bruto animal - do qual 85% são, em média do gado bovino - para o rendimento bruto total foi (em 1966) de 25,6%, 25,5% e 29% para explorações minhotas de, respectivamente, 3,5 ha, 5 ha e 7,5 ha de SAU, nas quais o trabalho de tracção era executado por juntas de bois ou de vacas. Todavia, é interessante apontar que, para exploração um pouco maior - 10 ha SAU -, aquela relação baixava para 22,1% se nela se utilizava trabalho exclusivamente de tractor próprio. Cita-se este caso como exemplo demonstrativo de exploração supermecanizada em relação à SAU. O decréscimo verificado seria anulado se se recorresse ao trabalho motorizado por aluguer para o pesado serviço de lavra, reservando-se o trabalho ligeiro para a tracção bovina.

Nas áreas acidentadas do Minho, dedicadas essencialmente à criação bovina, bem como nas do Barroso, onde ainda se explora a vaca barrosã e em que esta esploração predomina sobre o restante sector agro-pecuário, o rendimento bruto animal é certamente superior aos indicados.

Alguns dados biológicos

Pelo que se nos tem dado observar, o *grau de fecundidade* varia consoante se trata da

Evolução do efectivo de gado de raça Barrosã entre 1959 e 1976

Zonas e concelhos	Estimativa de 1959			Estimativa de 1976		
	Machos	Fêmeas	Total	Machos	Fêmeas	Total
Região de Barroso	**1.220**	**10.290**	**11.510**	**570**	**4.010**	**4.580**
Boticas	250	1.450	1.700	120	870	990
Montalegre	980	8.840	9.810	450	3.140	3.590
Distrito de Braga	**29.601**	**67.376**	**96.977**	**18.019**	**49.409**	**67.428**
Amares	890	2.591	3.481	735	1.995	2.730
Barcelos	4.620	7.550	12.170	2.393	5.983	8.376
Braga	2.679	6.016	8.695	1.041	2.604	3.645
Cab. de Basto	1.274	5.270	6.544	1.106	4.150	5.256
Cel. de Basto	2.690	4.784	7.474	656	1.704	2.360
Esposende	1.030	350	1.380	799	59	858
Fafe	1.703	9.038	10.741	1.472	7.130	8.602
Guimarães	4.995	6.097	11.092	2.436	4.386	6.822
P. de Lanhoso	1.485	4.424	5.909	972	3.470	4.442
Ter. do Bouro	718	3.009	3.727	391	3.260	3.651
V. do Minho	1.245	5.243	6.488	1.792	4.330	6.122
V. N. Famalicão	3.978	5.008	8.986	2.452	3.188	5.640
Vila Verde	2.294	7.996	10.290	1.774	7.150	8.924
Distrito de V. do Castelo	**9.799**	**43.297**	**53.096**	**6.194**	**34.005**	**40.199**
Distrito do Porto	**14.450**	**5.994**	**20.444**	**865**	**1.285**	**2.150**
Total Geral	**55.070**	**126.957**	**182.027**	**25.648**	**88.709**	**114.357**

criação em zonas serranas ou nas de cotas mais baixas, situando-se entre 60 a 70% em Barroso e serranias próximas, e entre 70 a 80% no Minho.

No Barroso e nas serranias onde se pratica a apascentação estival em baldios a fecundidade, em regra, diminui, em consequência de sequelas brucélicas. Nas regiões, onde o gado não usufrui dessa pastagem, os insucessos do foro genital são mais raros.

O desmame verifica-se geralmente ao fim de 5 meses no Minho, com os vitelos a pesar cerca de 140 Kg, e no Barroso aos 5 - 6 meses, com os vitelos a registar à volta de 180 Kg de peso.

Quanto ao crescimento após a desmama, podem apresentar-se elementos muito concretos extraídos do trabalho de testagem da capacidade de produção de bovinos nacionais, realizado na Estação Zootécnica Nacional em 1973, cujas conclusões, no referente à raça Barrosã e nas condições de maneio protocolares para aqueles ensaios, apresentam as seguintes médias:

Nº de adolescentes testados	28
Proveniência	Minho
Duração do teste	266 dias
Idade de admissão	180,3 dias
Idade final (14 meses e 21 dias)	466 dias
Peso médio inicial	153,2 Kg
Peso médio final	386 Kg
Crescimento - aumento médio	232,8 Kg
Reposição média diária	875,3 Kg
Peso médio da carcaça	216,7 Kg
Rendimento corrigido	61,5%
Alimento consumido por Kg/vivo reposto	6,8 U.F.
Peso aos 12 meses	331,2 Kg

Desta testagem de novilhos dirigida à produção de carne, concluíram os autores que há grande diversidade de resposta individual, em consequência da heterogeneidade da base genotípica do grupo, por inselecção da raça.

De facto, na raça Barrosã há largas disparidades nas respostas obtidas, que marcam bem a sua variabilidade genética. Tal conclusão permite, todavia, admitir franca possibilidade de melhoramento da raça por bem dirigida selecção através dos valores superiores.

No que se refere aos partos, estes verificam-se ao longo de todo o ano e registam intervalos de 13 a 14 meses, no Minho, e de 15 a 16 meses no Barroso.

Para a determinação do índice de mortalidade até ao desmame, faltam elementos válidos em que possamos apoiar a nossa informação. Afigura-se, porém, que a mortalidade dos adolescentes - o que mais conta no cômputo da mortalidade geral - não evidencia grau de incidência anormal em relação a outras raças bovinas.

Quanto à reprodução e métodos utilizados deve-se notar o facto de a reprodução por cruzamento com outras raças (Mirandesa, Maronesa e, com pouca expansão, Charolesa e Turina) se limitar à Terra do Barroso.

O melhoramento da raça e seu enquadramento institucional

Desde longos anos que várias entidades oficiais, oficiosas e associativas têm intervindo no melhoramento da etnia bovina Barrosã.

A primitiva acção selectiva da raça em Terra do Barroso deve-se à organização comunitária dos montanheses, que, em séculos, a moldaram até ao padrão com que chegou aos nossos dias. Para tal, teve, sem dúvida, grande influência o rigoroso cuidado de que se revestia a escolha dos touros padreadores pertencentes à comunidade, que os alojava, alimentava e reservava lameiro próprio («lameiro do touro»).

Entre os preceitos da selecção, distinguiam-se o da capacidade de aleitamento das fêmeas e os da conformação e robustez dos machos, esta posta à prova pela prática das «chegas».

Por sua vez, o Estado tem evidenciado interesse no melhoramento da raça. Assim, em 1914, foi aprovada a instalação do Posto Zootécnico do Gerês, em edificações da respectiva Mata Nacional, dirigido pelo Delegado de Pecuária do Distrito de Braga.

Em 1916, por Decreto de 13 de Dezembro, este Posto foi deslocado para Montalegre. Entre outras justificações da transferência, cita-se, no relatório respectivo, a insuficiência das pastagens da Mata para alimentação do avultado número de reses que o Posto havia de manter e do reconhecimento de que os postos destinados ao melhoramento das raças pecuárias nacionais devem estabelecer-se nos respectivos solares e que o território originário da casta Barrosã é, indubitavelmente, o planalto montalegrino, onde abundam forragens de superior qualidade.

O Posto, entre certas funções de carácter zootécnico e tecnológico, tinha por objectivo «Produzir, pela selecção nacional, e criar reses bovinas da raça barrosã, aperfeiçoad

para as funções de ceva e de trabalho, bem como desenvolver a aptidão lactígena da mesma raça pelo mencionado método selectivo e pela ginástica funcional.»

O citado decreto estabelecia ainda:

«O gado vacum necessário aos trabalhos de selecção será tirado de entre as reses do planalto que, além de possuírem os caracteres especiais da raça barrosã e as formas exteriores próprias do bovino a três fins, tenham, se forem adultos, dado provas, quer directas, quer por via da sua ascendência ou descendência, das três aptidões em grau mais ou menos desenvolvido».

Passados 20 anos, o Posto foi extinto abruptamente e as suas instalações ocupadas pelos serviços fitopatológicos de apoio à cultura da batata de semente que, entretanto, vinha tomando forte expansão local e ocupando grande parte dos belíssimos lameiros naturais do planalto.

Finda a acção directa do Estado no Barroso - região que reúne naturais condições para o melhoramento da raça -, foi o seu fomento amparado durante alguns anos pelo Posto Zootécnico de Viana do Castelo, criado pelo decreto nº 16.678, de 1 de Abril de 1929, para, como se diz no seu preâmbulo acudir ao «lamentável estado de definhamento da pecuária da região de Entre Minho e Cávado» e «pôr termo urgente ao abastardamento das raças bovinas autóctones que a povoam».

Neste Posto já extinto, desenvolveu-se acção melhoradora da raça Barrosã, principalmente no Alto Minho, pela distribuição de reprodutores masculinos.

Mais recentemente, com a abertura da Estação de Fomento Pecuário de Entre Douro e Minho, passou este estabelecimento a dar apoio à raça através da recria de vitelos adquiridos nas melhores zonas de criação tanto do Barroso como do Minho (Fafe e Cabeceiras de Basto). Os novilhos recriados eram destinados não só a postos de cobrição, como ultimamente, à produção de sémen na Estação de Estudos de Reprodução Animal.

Desde que a Estação de Barcelos reduziu a sua actividade sobre esta raça, em face da preponderância que tomou na região a exploração de leite dos bovinos Holstein Friesian, a acção estatal ficou quase somente reduzida à inseminação artificial.

Não deixaremos de citar o melhoramento obtido através da difusão de bons padreadores, nos postos de cobrição, bem como a disciplina no funcionamento dos mesmos.

Mercê da profusão de postos oficiaisde cobrição no concelho de Terras do Bouro, ressalta o desaparecimento, praticamente total, do tipo inferior de bovinos denominados «Vilarinhos» que existiam entre a serra Amarela e a do Gerês, embora para tal também deva ter contribuído a submersão, por barragem, do vale onde se localizava a povoação de Vilarinho das Furnas, na qual se adensavam aqueles bovinos.

Como se verifica, foi insistente a tentativa de intervenção do Estado em benefício da raça, sem que se lograsse, designadamente na região do solar, tornar sensível o efeito melhorador.

Não só o posto do Gerês não entrou em actividade, como o de Montalegre, após 20 anos de precária funcionalidade, não resistiu à sua preterição a favor dos interesses do «ouro branco» montalegrino.

Mais fecunda foi, sem dúvida, a actuação do Posto Zootécnico de Viana do Castelo e da Estação de Fomento Pecuário de Barcelos, aos quais se ficou devendo durante alguns anos a difusão de bons reprodutores por postos de cobrição, animais estes recriados nos estabelecimentos e submetidos a rigorosa selecção.

O Posto de Viana do Castelo, nos últimos anos exclusivamente dedicado ao fomento de bovinos Galegos, em cuja zona de criação se situava, acabou por ser extinto também.

Pelo referido, devemos considerar como muito desanimadoras as perspectivas quanto ao futuro da raça Barrosã.

Factores variadíssimos, e já apontados, vêm concorrendo desde o início do século para a redução da sua área de expansão e a sua degradação, inclusive no solar.

As condições excepcionais que expontaneamente motivaram, no século passado, o alargamento da sua zona territorial e contribuíram para o seu aumento de estatura não voltarão a repetir-se. Nem os actuais aspectos técnico-económicos aconselham a exportação de bovinos de talho, nem restam requintes gastronómicos que levem a cotar diferentemente carnes de raças especiais.

A Barrosã, como raça de montanha que é, de montanha agreste e frígida, de reduzida estatura e de pouca precocidade, só por especiais e ocasionais condições conseguiu descer o anfiteatro orográfico, atingir o litoral e estender-se do Minho ao Douro. Terminados esses favoráveis factores, virá a limitar-se à montanha, onde se manterá acima de 600m de altitude, no Minho. No que respeita ao Barroso, a tendência de eliminação continuará em consequência de cruzamentos variados, se a intervenção do Estado não disciplinar e controlar a prática da reprodução e, através dela, não estabelecer rigorosa selecção melhoradora.

No momento presente, a raça está ameaçada de degradação, principalmente, pela falta de centros de produção de vitelos que permitam o recrutamento de reprodutores masculinos feno e genotipicamente aceitáveis. Esta situação é tanto mais preocupante, quanto menor vai sendo o vínculo de tradicionalismo que a conservou em estado de pureza. E, desde que já nem o comunitarismo ampara o bovino Barrosão, resta ao Estado, às autoridades regionais e locais intervir em sua defesa.

Estruturas e tipo de organização de apoio à raça

Presentemente, o melhoramento do Barrosão não dispõe de qualquer apoio válido. Para satisfazer as necessidades de renovação dos efectivos da apertada rede de postos de cobrição, sente-se dificuldade de recrutamento de reprodutores de origem recomendável. A I.A.pouco ainda tem podido actuar no melhoramento da raça, não se prevendo mesmo quando possam ser eliminados os actuais factores limitativos.

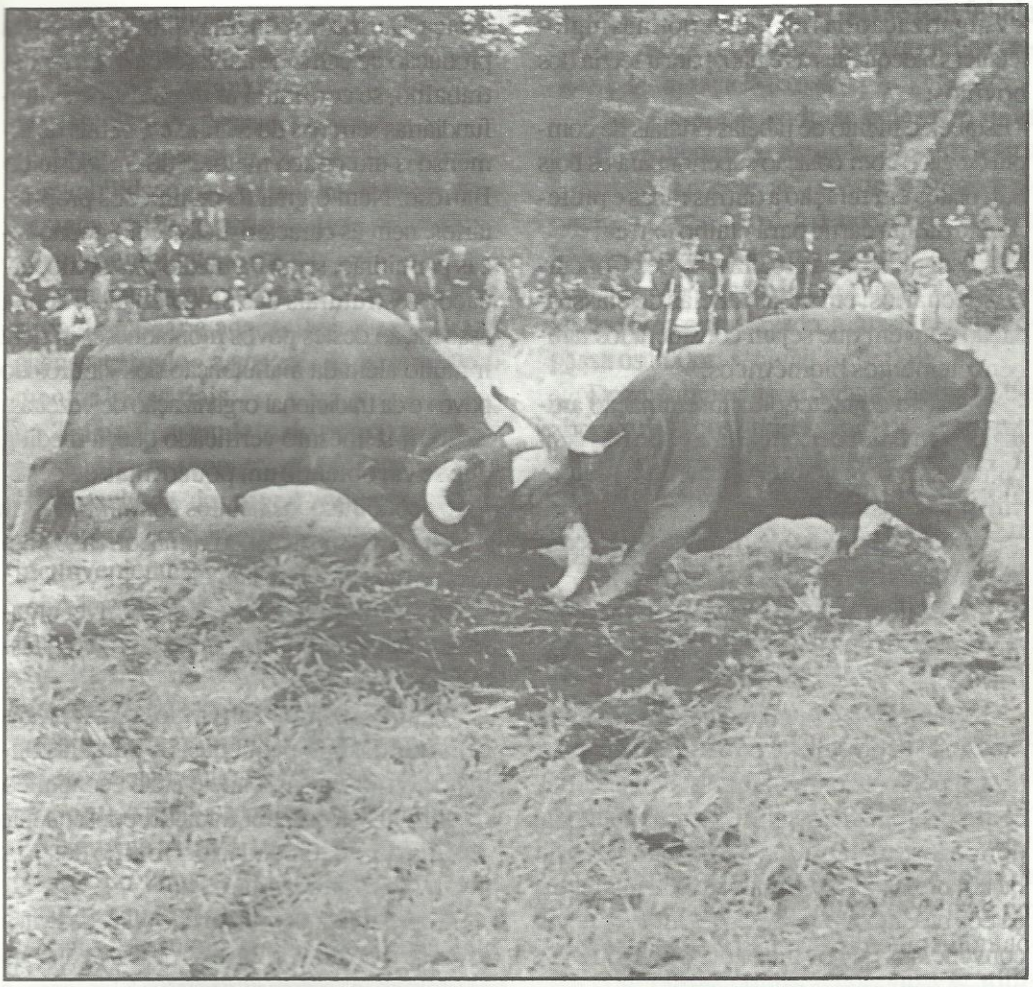
A raça Barrosã virá, pelo avanço da mecanização e a concorrência de raças precoces, a resumir-se à criação nos contrafortes serranos.

Convencidos que não será possível modificar, mesmo a médio prazo, a estrutura agropecuária daquela zona de criação, consideramos que só reatando o fio partido do apoio que o Estado vinha dando, embora debilmente, podemos encarar o melhoramento da rês Barrosã.

A nosso ver, mantém-se ainda com validade a opinião emitida há bastantes anos, por um de nós, quanto à indispensabilidade da instalação de um posto zootécnico na freguesia de Salto, ainda hoje a melhor zona de criação da raça.

Além desta freguesia, que se poderá considerar pedra angular do melhoramento, deverão ser incluídas nesse trabalho também as circunvizinhas, com os seguintes efectivos barrosãos, constituídos, principalmente, por fêmeas (em 1976):

Montalegre	Salto	1.370
	Cabril	430
	Covelo	160
	Ferral	325
	Paradela	140
	Pondras	160
	Reigoso	230
	Venda Nova	35



Boticas	Alturas	240
	Cerdedo	160
	Dornelas	260
Vieira do Minho	Campos	250
	Ruivães	490

No já citado trabalho, enumeram-se os seguintes pontos básicos para o melhoramento da raça:

- Instituição do respectivo Livro Genealógico;
- Criação de um Posto Zootécnico no Barroso, de preferência na ou junto à freguesia de Salto, do concelho de Montalegre;
- Realização, nesse Posto, do trabalho de secretaria do Livro Genealógico, devendo nele ser inscritas, a título inicial, as melhores fêmeas dos criadores da freguesia sede do Posto e das mais próximas, e efectuar-se o registo das cobrições e de nascimentos;
- Aquisição, para a recria no Posto ou nas propriedades de criadores idóneos, dos vitelos que se revelem mais precoces e com melhor conformação à desmama e sejam filhos de reprodutores inscritos no Livro Genealógico;
- Exigência, por parte dos Intendentes de Pecuária, a partir de certo período de funcionamento do Posto, de novilhos inscritos no Livro Genealógico, para efeito de licenciamento dos postos de cobrição;

- Vulgarização das melhores normas higiotécnicas, adequadas à região, para a recria dos bovinos;
- Estabelecimento de tabelas oficiais de compra de gado com cotação superior para os bois barrosãos em relação a outras raças e preferência da sua carne para «talho extra»;
- Prosseguimento da realização dos Concursos Pecuários, em cujas tabelas de classificação convém que sejam considerados também elementos biométricos;
- Aplicação do método da inseminação artificial, com o fim de combater as doenças contagiosas do foro genital e acelerar o melhoramento zootécnico;
- Ensaio, no Posto, do cruzamento com outras raças nacionais e estrangeiras;
- Regulamentação do apascentamento alpestre do Barroso e melhoramento dessas pastagens.

Decorridos 17 anos, não encontramos motivo para proceder a profundas alterações destes pontos. Continuaremos a considerar, como ponto fundamental da acção melhoradora, a instituição do Livro Genealógico da raça. Porém, conhecida, como é, a indiferença dos produtores na adesão ao L.G., estamos convencidos que só mediante pecuniários se poderá vencer essa relutância.

Quanto ao Posto Zootécnico, órgão fulcral de execução, muito embora se verifique profundo recuo da raça do Barroso, mantém-se ainda hoje a indicação da sua instalação em Salto.

Este Posto deveria constituir-se também como subcentro de inseminação artificial. Não só aceleraria a acção do melhoramento como se estabeleceriam mais repetidos contactos com as casas de lavoura, o que é de primordial importância na difusão de conhecimento e na colheita de informações.

Teremos que assentar, antes de tudo, na ideia-base de que, perante a concorrência de raças mais precoces, a duas ou a três funções, a raça Barrosã, reduzida, praticamente, à produção de carne de adolescente e de algum trabalho, se confinará às explorações minifundiárias serranas do Minho e a outras de dimensões um pouco maiores do Sudoeste do Barroso. Nem o grau de cultura dos proprietários, nem as características socio-económicas permitirão, sequer a médio prazo, modificações estruturais das propriedades, nem a associação destes povos montanheses poderá ir muito além da manutenção dos «touros do povo» e da tradicional organização de vezeiras.

Tem-se mesmo verificado que, à medida que se vai obtendo um pouco mais de desafogo económico, os hábitos comunitários da região vão desaparecendo e concorrendo para menor preservação da raça.

Deste modo, não se afigura possível organizar qualquer tipo de exploração muito afastada do actual.

Trata-se, como já referimos, de explorações muitíssimo pequenas, de parcelas numerosas e dispersas, onde o ciclo económico da criação barrosã, por tradição, consequente da falta de precocidade, termina no desmame. Não se faz a recria.

Constituindo o produto da venda dos vitelos base do fundo de maneio destas pequenas explorações, procura-se saturá-las com o maior número de vacas, pelo que não restam disponibilidades alimentares para a recria a partir do desmame, operação esta que, aliás, por deficiência do índice de reposição da raça, expõe a risco económico.

Não esquecendo o interesse da venda dos adolescentes à desmama, duas finalidades essenciais devem ser visadas em benefício dos criadores de raça Barrosã.

a) Aumentar-lhes o rendimento das explorações, a fim de elevar o seu nível de vida;

b) Defender o património genético da raça;

Quanto à primeira finalidade, haverá que empreender larga difusão de conhecimentos

atinentes a melhorar a produção forrageira e a respeitar boas regras de maneio, além de, em todas as oportunidades, se procurar reunir parcelas do agro que exploram.

Quanto à segunda, haverá que aumentar a rentabilidade da exploração, respeitando a herança genética, naturalmente adaptada ao adverso ambiente serrano.

Para conjugar estes dois desideratos, ter-se-ia de passar a aconselhar o que ainda é apenas tolerado - a generalização dos cruzamentos industriais.

Tal prática, em face do perigo que pode constituir para a conservação da raça, deve ser acompanhada de ampla vulgarização de regras que a condicionem e afastem aquele inconveniente.

A inseminação artificial, tem neste campo importante papel a desempenhar. De resto, embora em limitada percentagem, o método tem sido aplicado neste sentido, utilizando, sobretudo, sémen charolês. Tanto com este sémen como com o Holstein Friesian (tipo europeu), a produção de Fl tem resultado absolutamente normal, tanto no ponto de vista obstétrico, como no de aleitamento.

Em consequência da rentabilidade da recria dos produtos Fl, esta poderia ser levada até ao acabamento, com benefício para a economia do abastecimento carneo.

Ao terminar as considerações relativas a este quesito, acrescentamos que, na inviabilidade de se formar, entre os interessados, qualquer organização para a utilização e defesa da raça, insubstituível nas terras do Noroeste, caberá, sobretudo, ao futuro Livro Genealógico essa importante missão.

Bovinos do Parque Nacional da Peneda - Gerês

Julgamos conveniente apresentar breve nota relativa aos bovinos da área deste Parque Nacional, tanto mais que se tem falado sobre a sua possibilidade de intervir na conservação da raça Barrosã.

Este Parque estende-se pelas serranias que nos separam de Espanha, desde Castro Laboreiro, a poente, até ao extremo mais nascente do Gerês, isto é, à denominada serra de Mourela, entre Tourém e Covelães, do concelho de Montalegre. Com excepção dos vales do Lima e do Cávado, a sua altitude ultrapassa os 800m.

Doze freguesias serranas estão por ele abrangidas, possuindo, aproximadamente 6.000 bovinos, dos quais cerca de 50% são animais ananicados, sem expressão étnica definida, existentes nas serras da Peneda e do Soajo e conhecidos por «Cachenos».

A maior parte beneficia de pastagens de montanha, algumas das quais se prevê venham a ser melhoradas e submetidas a pastoreio condicionado.

As duas melhores áreas pascigosas - a de Castro Laboreiro e da Mourela - situam-se, todavia, em zonas que pouco podem interessar à defesa da raça Barrosã.

A primeira, muito afastada do solar da raça, é, também, a que apresenta animais em menor estado de pureza por longos contactos com outras etnias, e encontra-se infiltrado de norte, nascente e sul por bovinos oriundos do país vizinho, com o qual tem raia seca.

A segunda, com possibilidade de melhorar várias centenas de ha de pastagens de chãs e de vales baldios, já não recebe no estio os milhares de cabeças de outrora, mas sim, cerca de 800 bovinos de várias raças, como da Mirandesa, Barrosã, Maronesa, «Rúbia» e, sobretudo, produtos dos seus cruzamentos. De facto, tanto as freguesias incorporadas no perímetro do Parque, como as mais próximas foram abandonando a criação pura barrosã, enquanto que, através da fronteira seca de Tou-

rém (freguesia que penetra na Galiza) continuam passando muitos bovinos dessa origem.

Verifica-se, pois, ser, presentemente, muito aleatória a tentativa de preservação dos bovinos Barrosãos a partir de qualquer núcleo do Parque.

Nota final de actualização

Embora o número de animais ainda seja elevado, não temos dúvidas em considerar a raça bovina Barrosã no grupo daquelas que estão em perigo de extinção. E o mais grave é que o perigo não advém, em valor significativo, do progresso socio-económico das populações, mas de outras origens.

A área de criação está a ser reduzida e a raça ameaçada pelo desenvolvimento de quatro frentes.

Por um lado é o avanço da Frísia e da Galega «melhorada» por causa da produção de leite, não só para consumo local mas também como fonte de rendimento diário.

Pelo outro lado é o avanço da Mirandesa e da Maronesa que pelo seu porte e rusticidade aumenta a força motriz, tão necessária para o trabalho daquelas terras tão acidentadas.

É igualmente a introdução de raças estrangeiras (Gelbvieh e Parda Suiça) sem qualquer controle e contrariando qualquer esquema de defesa e protecção do património genético daquela população.

É ainda a falta de capacidade que o Estado tem revelado não aplicando as receitas apontadas por todos aqueles conhecedores da raça, e que a ela tem dedicado muito das suas vidas. Receitas, que numa maneira geral se mantêm correctas.

Embora se verifiquem algumas inseminações artificiais, cujos números não ultrapassam umas poucas centenas, continua a ser a cobrição natural o método de reprodução mais utilizado.

Infelizmente a falta de vigilância de postos de cobrição e incompleta legislação existente, permitiram que fossem utilizados como reprodutores masculinos animais sem qualquer característica zootécnica e muitas vezes com problemas sanitários.

Preocupada com este estado de coisas, a Direcção Geral dos Serviços Veterinários, de 1976 para cá tem tentado dinamizar os Livros Genealógicos e os Registos Zootécnicos já criados e tentado actualizar a legislação sobre postos de cobrição.

Sobre o primeiro, é de referir o Despacho Ministerial de 17 de Dezembro de 1976 dos Ministérios da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo que institui um prémio no valor de 2.000$00 por cada vitelo ou vitela proveniente de todos os partos das fêmeas inscritas, a título definitivo ou inicial, nos livros genealógicos ou registo zootécnico de algumas raças bovinas autóctones, entre as quais a barrosã. Este despacho limita a área de intervenção para esta raça aos distritos de Vila Real, Braga, Porto e Viana do Castelo. O despacho conjunto do Ministério das Finanças e do Plano, do Trabalho e dos Transportes e Comunicações de 29 de Junho de 1979 veio abolir aquela área de intervenção, passando os prémios a poder ser atribuídos em todo o território continental.

Relativo aos postos de cobrição foi publicado o despacho normativo nº 333/78 que regula o licenciamento dos postos particulares de cobrição.

Contudo, problemas de diversa ordem, impediram que os trabalhos de registo se iniciassem, prejudicando as acções de melhoramento fomentadas por aquela legislação e dessa forma lesando os próprios criadores.

Foi também neste período, mais precisamente em 1977, que se publicou um dos mais importantes documentos legislativos para o melhoramento animal que foi a portaria nº

O exemplo que vem de Salto

Foi recentemente constituída em Salto a Associação Nacional dos Criadores de Gado Barrosão, que apresenta como principais objectivos a defesa da pureza da raça e a valorização da sua carne, na perspectiva inclusivamente de ser colocada nos mercados externos. Embora esta última hipótese nos pareça bastante utópica, nem por isso deixa de ser digna de elogio a iniciativa tomada pelos agricultores da zona de Salto, a que se associaram criadores de outras freguesias do concelho de Montalegre e mesmo de outros concelhos da região.

Salto assume, assim, o papel de capital do gado barrosão, título a que aliás tem todo o direito. E para fazer jus a esse título, foi aí que decorreu, no passado dia 19 de Agosto, um grande concurso dedicado exactamente à raça de gado barrosão, organizado pela Associação. O montante global dos prémios atingiu cerca de 600 contos e só foi pena que nenhum dos principais prémios, atribuídos em cada uma das classes, ficasse na região do Barroso. De facto, para os concelhos de Montalegre e Boticas, apenas foram atribuídos dois terceiros lugares, um na classe das vacas e outro na classe dos vitelos, o que demonstra que a emigração da raça para fora da sua região natural é um fenómeno que se vem consolidando.

Vejamos, porém, como foram distribuídos os prémios principais:

Vacas
1º José de Castro (Fafe)
2º Clemente Fernandes (Vieira do Minho)
3º Arlindo Pereira (Boticas)

Touros
1º José Carlos do Carmo (Guimarães)
2º Fernando Araújo (Fafe)
3º José Barroso (Cabeceiras de Basto)

Novilhos
1º João Peixoto da Silva (Fafe)

Vitelos
1º Rosalina Durão (Cabeceiras de Baixo)
2º José Carlos do Carmo (Guimarães)
3º Francisco Baptista (Montalegre)

Novilhas
1º Adelino Cunha (Fafe)
2º Albano Leite (Fafe)
3º Joaquim Antunes (Fafe)

Vitelas
1º António Castro (Fafe)
2º Fernando Araújo (Fafe)
3º Bernardino Alves (Cabeceiras de Basto)

358/77 de 25 de Junho, que contém o Regulamento relativo às normas sobre reprodução animal, livros genealógicos e contrastes funcionais.

A partir de meados de 1980 as condições evoluíram e num esforço conjunto da Direcção-Geral dos Serviços Veterinários e a Direcção Regional de Entre Douro e Minho foi possível nomear uma comissão de técnicos que já iniciou os trabalhos de registo da população bovina desta raça.

A par do registo destes animais vão ser adquiridos novilhos característicos da raça, que depois de recriados nos estabelecimentos oficiais serão distribuídos pelos postos de cobrição que respeitem a legislação vigente.